

# MIGRAÇÃO, PATRIMÔNIO CULTURAL E MULTICULTURALISMO: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA EM TORNO DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA

*Data de submissão: 23/12/2022*

*Data de aceite: 01/03/2023*

**Assis Daniel Gomes**

Universidade Estadual do Ceará  
<http://lattes.cnpq.br/7165519531747735>

**RESUMO:** Neste texto, analisamos como a arte sacra feita sobre Padre Cícero Romão Batista está permeada pela pluralidade cultural e étnica vinda das migrações que formaram o município de Juazeiro do Norte. A arte sacra faz parte do chamado patrimônio religioso ligado aos bens materiais advindos da organização cultural, seja ela oficial ou popular. Olhar esse patrimônio cultural, enquanto objeto de investigação, é vermos a diversidade de culturas que a forjaram, como também o seu caleidoscópio temporal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração. Patrimônio Cultural. Multiculturalismo. Padre Cícero.

## MIGRATION, CULTURAL HERITAGE AND MULTICULTURALISM: THE ARTISTIC PRODUCTION AROUND FATHER CÍCERO ROMÃO BATISTA

**ABSTRACT:** In this text, we analyze how the

sacred art made about Padre Cícero Romão Batista is permeated by the cultural and ethnic plurality coming from the migrations that formed the municipality of Juazeiro do Norte. Sacred art is part of the so-called religious heritage linked to material goods arising from cultural organizations, whether official or popular. To look at this cultural heritage, as an object of investigation, is to see the diversity of cultures that forged it, as well as its temporal kaleidoscope.

**KEYWORDS:** Migration. Cultural heritage. Multiculturalism. Padre Cicero.

## INTRODUÇÃO

Neste texto, tencionamos analisar como a arte sacra feita sobre Padre Cícero Romão Batista<sup>1</sup> oscilava entre a imagem do político e a do santo. Este trabalho é um recorte da seguinte pesquisa: “As temporalidades da mística: Teologia Litúrgica e mistagogia na arte sacra barroca brasileira”. A arte sacra faz parte do chamado patrimônio religioso ligada aos bens materiais advindos da organização cultural, seja ela oficial ou popular.

<sup>1</sup> Sacerdote Católico que nasceu no município do Crato, interior do Ceará em 1870 e morreu em Juazeiro do Norte em 1934.

Neste artigo, focaremos nossa análise sobre a escultura de Padre Cícero inaugurada em 1969 no município de Juazeiro do Norte<sup>2</sup>, interior do Ceará. Entretanto, gostaríamos de pontuar e fazer um elo com outras obras feitas anteriormente que endossaram e foram as bases para sua produção. Olhá-las nos possibilita compreender as especificidades da criada nos anos 1960, bem como o espírito criativo e artístico do escultor Armando Lacerda.

Para isso, o elo entre História Social dos Sertões e História da Arte se faz necessário. Segundo Baxandall (1991), a História Social e a História da Arte fornecem instrumentos que nos ajudam a analisar determinada época, os seus autores e as suas produções artísticas. Dessa forma, verificamos que os espaços sagrados de Juazeiro do Norte se tornaram antropofágicos, são marcados pela simbólica das temporalidades, visualizadas nas obras artísticas sobre o Padre Cícero, nas réplicas dos santinhos, nas performances e nas manifestações da religiosidade popular que usa signos e rituais católicos, indígenas e afrodescendentes. Portanto, segundo Gomes (2020, p.48), os conceitos de “Antropofagia dos espaços” e “simbólica das temporalidades” são categorias que “nos ajudam a ver as marcas que fundamentam as camadas temporais e espaciais que compõem determinados lugares, grupos, instituições e práticas sociais, por exemplo”.

Compreendermos o uso da arte sacra como fonte histórica, tanto na pesquisa como para a promoção da educação patrimonial no Cariri, abre-nos a possibilidade de cultivar no(a) aluno(a) a valorização desse patrimônio e o seu uso em prol do ensino da história local, regional e nacional. Analisaremos, enfim, um momento específico da invenção de um cânone artístico em Juazeiro do Norte: a arte sacra sobre Padre Cícero nos anos 1960.

## **O PADRE DO JUAZEIRO E O JUAZEIRO DO PADRE**

Em 1923 o escultor Laurindo Ramos fez uma estátua de Padre Cícero encomendada pelo deputado Floro Bartolomeu e inaugurada na Praça Almirante Alexandrino em 1925. Os lugares em que as estátuas de Padre Cícero foram postas - uma na praça central da cidade de Juazeiro e a outra no Horto do Catolé (Colina do Horto) inaugurada em 1969, representavam também os momentos e os motivos de sua produção. Ambas foram obras feitas para os fins almejados não pelo artista, mas pelo seu financiador - as orientações dadas pelos que a patrocinaram eram diferentes, por exemplo, a primeira era uma forma de tornar pública a imagem de progresso de Juazeiro do Norte e de seu fundador, combater o discurso preconceituoso sobre ambos que se espalhava no cenário nacional.

O deputado federal Floro Bartolomeu ficou incomodado com os discursos que

---

2 O município de Juazeiro do Norte, emancipado em 1911, formara-se pela leva de migrantes que chegavam ao seu território buscando respostas para os seus problemas. Para isso, iam ao encontro do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo. Portanto, o multiculturalismo foi um elemento presente desde a sua fundação. Entendemos o conceito de multiculturalismo como aberto e interativo, ligada a perspectiva intercultural. Para Candau(2013), três elementos apontam a sua compreensão: uma inter-relação cultural entre grupos; que as identidades e as culturas são construções socio-históricas; que os processos de hibridização vivenciados pela sociedade são intensos e a edificação de identidades abertas.

o colocava como representante de fanáticos, cangaceiros e miseráveis. Para isso, a inauguração da estátua de Padre Cícero em 1925 se fez com pompas civis e militares, destacando o Padre Cícero como um homem público e um político respeitado. Um vídeo foi gravado desse momento por Lauro Reis Vidal, nele se edificou tanto em sua narrativa visual como sonora uma defesa de Juazeiro como uma cidade do progresso e que isso advinha do esforço, do zelo e dos cuidados de Padre Cícero Romão Batista<sup>3</sup>.

Por exemplo, na sessão do dia 23 de setembro de 1923 Floro Bartolomeu da Costa fez um pronunciamento direcionado na Assembleia dos deputados: seu discurso no referido dia era uma resposta ao Dr. Paulo de Moraes e Barros, membro da comissão do governo federal que tinha como intuito averiguar as obras que estavam ocorrendo no Nordeste. Paulo de Moraes e Barros divulgou uma imagem negativa sobre o Juazeiro e o Padre Cícero. Isso fora um dos motivos que fez Floro convidar Laurindo Ramos para esculpir uma estátua de Padre Cícero, terminou sua apologia ao Padre Cícero e ao Juazeiro, dizendo que Paulo era “um simples declamador vulgar” e que esperava que se arrependesse da “leviandade cometida”<sup>4</sup>.

Posterior a essa construção, as comemorações que buscavam recordar a presença do sacerdote, que morreu em 1934, a partir de 1969 se faziam na colina do horto no espaço onde se edificaram uma estátua em homenagem ao Padre Cícero. A sua construção era uma forma de homenagear o referido sacerdote, cunhando uma imagem de outro teor simbólico. A estátua de 1925 não era reconhecida como arte sacra, ou seja, um artefato artístico ligado ao culto sagrado, não foi introjetada como objeto de culto e lugar onde habitava o sagrado: sua devoção não se incorporou nos *habitus* (BOURDIEU, 1996) dos devotos e devotas.

Por exemplo, as narrativas sobre esses sacerdotes e os eventos que envolviam a sua imagem eram narrados e declamados pelos repentistas e cordelistas nordestinos. O cordelista José Bernardo da Silva escreveu um cordel em 1938 de cunho histórico interligando em sua trama, repleta de poesias, memórias, histórias e lendas sobre o Padre Cícero: “Recordação e Homenagem ao Red<sup>o</sup> Padre Cícero Romão”. Segundo Silva, “mas, como quero que o mundo; em geral fique conhecendo; do Padre Cícero a história; que me acho descrevendo; vou me ocupar desta lenda; meu tempo embora perdendo”<sup>5</sup>.

Um dos elementos destacados no cordel de Silva, e nas obras daqueles que tratavam sobre a figura de Padre Cícero e o início das peregrinações ao Juazeiro, remontam aos supostos milagres da hóstia que ocorreu com a beata Maria de Araújo a partir do final do século XIX. Em um documento publicado em 1892, “Os milagres do Joazeiro”, e divulgado por meio de livretos que tinham o estilo e o formato gráfico da literatura de

3 Para os que desejarem assistir o vídeo indicado acesse o seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=F7yk2U-GPJio>.

4 COSTA, Floro Bartholomeu. **Joazeiro e o Padre Cícero**: depoimento para a história. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923, p.178.

5 SILVA, José Bernardo da. **Recordação e homenagem ao Reverendo Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1938, p.1.

cordel, diferenciando-se pela forma narrativa (este documento era narrado em prosa e não em verso), temos a compilação de relatos escritos na época dos que participaram dos inquéritos e averiguação do suposto milagre pela Igreja Católica.

Portanto, podemos verificar os relatos das comissões médicas, de intelectuais e religiosos que foram verificar a veracidade do milagre. As narrativas selecionadas para compor o livro divulgavam a experiência pessoal de cada profissional, destacando o elemento sobrenatural e a dificuldade da ciência médica em realizar algum diagnóstico conclusivo sobre o caso. Verifiquemos uma parte do “atestado” feito pelo médico Marcos Rodrigues Madeira, formado pela Escola do Rio de Janeiro e funcionário do Hospital de Misericórdia do Rio de Janeiro, na época capital federal.

Attesto que sendo chamado para observar a beata Maria de Araújo, poucos minutos depois de ter commungado no 26 dia do corrente, Quinta-feira Santa no povoado de Joazeiro, d'este termo, onde me achava, observei o seguinte: Encontrei-à de joelho, cercado do Rvmo. Pe. Cícero Romão Baptista, outros sacerdotes e muitos cidadãos distintos d'esta e de outras localidades, os quaes me convidaram para verificar a transformação da hóstia em sangue, facto este, segundo referiu-se o mesmo Revm. Padre Cícero, tem-se reproduzido por mais de uma vez na mesma pessoa. De facto, examinando n'esta occasião a língua da referida beata, verifiquei, com os meus olhos, que a partícula estava quasi toda transformada em uma posta sanguinea, menos na parte central, na qual se divulgava ainda uma pequena parte da partícula com sua cor quasi natural<sup>6</sup>.

Fizemos tal retorno ao final do século XIX, pois fora nesse momento, com a divulgação dos supostos milagres, que iniciou as peregrinações dos nordestinos para Juazeiro do Norte a fim de ver o milagre e a santa. Esse fato deu visibilidade ao povoado e ao padre local, Padre Cícero Romão Batista. Outro elemento, fora que naquele momento se iniciou a construção de artefatos religiosos que eram usados pelos (as) devotos (as) como amuletos de proteção, por exemplo, medalhas que tinham de um lado o rosto da beata e do outro o do Padre Cícero. Estes artefatos sacros tinham como intuito não a divulgação de técnicas artísticas, mas imprimir e tornar visível em um objeto material as duas pessoas que começaram a ser vistas como santas no sertão nordestino.

A Igreja Católica proibiu a venda desses objetos, recolhendo-os de seus fabricantes e comerciantes, impondo o silêncio sobre os supostos milagres. Caso houvesse resistentes a essas ordens, seriam excomungados. Nessa caça das relíquias, cultuadas e guardadas pelos peregrinos, muitas famílias que possuíam alguns desses objetos, como os panos ensanguentados e as medalhas, esconderam-nas para que não lhes fossem retiradas e nem fossem excomungados. Isso se deu, pois tais objetos eram recolhidos e, posteriormente, destruídos pelos representantes da Igreja local.

A beata Maria de Araújo foi condenada a viver em reclusão, era proibido até pronunciar o seu nome, por sua vez, o Padre Cícero foi suspenso das ordens sacerdotais,

---

6 MADEIRA, 1892 *apud* “OS MILAGRES DE JOAZEIRO”. Caicó: Typographia Democrata, 1892, p.10.

mas continuou tendo visibilidade para os (as) peregrinos (as), pois continuou fazendo suas atividades pastorais por meio de uma atuação não convencional: dava conselho e orientava os fiéis, realizando orações, abençoando os fiéis e outros rituais populares desligados da Igreja Católica – deslocando, assim, o espaço religioso em que se podia encontrar o sagrado: saiu da estrutura física oficial de culto católico, o templo, para o ambiente doméstico, para sua casa, para suas relações privadas, fazendo dos peregrinos os seus afilhados que tinham o dever de visitar anualmente a casa de seu padrinho.

Antes de retomarmos a discussão sobre a estátua construída no Horto, gostaríamos de comentar a feitura da estátua por Agostinho Odísio colocada em frente a capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde se enterrou o Padre Cícero. A estátua de Agostinho transparece uma estética do pai, da mansidão feita por meio do olhar, de elementos vindos da cultura italiana de edificação dos retratos dos santos. Segundo Silva, Agostinho Odísio “estudou na Escola de Belas Artes em Roma”, era “escultor italiano” e quis transmitir um Padre Cícero “mais terno e compreensivo” (2015, p.13).

A estátua do Horto reforçou o processo de santificação popular do referido sacerdote, sendo um *locus* do sagrado em Juazeiro do Norte e espaço de manifestações religiosas desligadas da Igreja Oficial. A mística contida na feitura dessa arte é uma resistência à negação da santidade do referido sacerdote pela Igreja. Essas imagens forjadas por uma espiritualidade que transgride as posturas oficiais reforçava a crença e o apoio dado, tanto político como religioso, pelos nordestinos ao Padre Cícero.

A estátua de 1969 se construiu pelo município de Juazeiro do Norte, tencionando impulsionar as romarias e o turismo religioso feitas para visitar o referido “santo”. Isso movimentou o comércio local, bem como os artesãos que passaram a produzir em massa outras obras artísticas dessa figura pública. Enfim, consideramos que essas obras, juntamente a do escultor Inocência da Costa, Mestre Noza e a de Agostinho Balmes de Odísio inventaram um cânone artístico, impondo aos artistas locais a necessidade de aproximar as suas obras do modelo estético proposto por eles ou as reproduzir.

Pensamos, neste trabalho, a história da arte (BELL, 2008) ligada a um contexto, destacando essa hermenêutica gerada através do contato entre a “antropofagia dos espaços” e a “simbólica das temporalidades”. Para isso, consideramos esses espaços híbridos, detentores de vários tempos, culturas e expressões religiosas. Os romeiros e as romeiras por meio de seus cantos, de sua tradição oral que transmitiam suas experiências de fé, realizaram uma educação patrimonial sertaneja, ou seja, semearam o Juazeiro e o Padre Cícero no coração e na identidade nordestina. Segundo Bezerra (2020), a educação patrimonial faz parte do processo formativo humano. Ela tem como finalidade sensibilizar “sobre a importância do patrimônio, e de sua preservação, na formação de sujeitos de sua própria história, que atuem na reivindicação de seus direitos coletivos e no fortalecimento de sua cidadania” (BEZERRA, 2020, p.63).

Esse sentimento de preservação e sensibilização venceu a perseguição da Igreja

Católica ao culto a pessoa de Padre Cícero que se deu nas dioceses do Nordeste. A sua preservação se fez pela manutenção da visita ao padrinho, pelo pagamento das promessas em espaços não oficiais, pela invenção de práticas religiosas, pela construção dos sentidos relacionados aos elementos concretos da vida sertaneja e de seus rituais. Por exemplo, segundo uma denúncia feita pelo Diário de Pernambuco em 1964, a imagem do Padre Cícero estava sendo usada em espaços religiosos não católicos no sítio Perneiras em Agrestina, Pernambuco. Nesse caso, nos territórios das religiões de matriz africana que o tinham também como um de seus guias. Para o Diário de Pernambuco,

Um moreno, analfabeto, chamado Virgílio, para não desmerecer as tradições de sua família, dez uma capela - por sua própria conta, sem autorização do sr.Bispo Diocesano, nela colocou uma estátua de Padre Cícero Romão, misturando falsa devoção com espiritismo, vive à benzer os tolos, à fazer frequentes festas (e rendosas), a passar receitas ( para o que usa um secretário) etc. Agora mesmo o "Beato Dr. Virgílio" está anunciando para o dia 15 do corrente uma solene procissão com o andor do Padre Cícero com o acompanhamento de uma banda de musica de Caruaru, o que mereceu um veemente protesto do Vigário e do povo católico de Agrestina"<sup>7</sup>.

Essa imagem memorial do Padre Cícero se ligava às experiências pessoais dos romeiros e das romeiras com ele, a aproximação entre esses sujeitos com os atendimentos em sua casa retirou de sua imagem a roupagem usada pelos sacerdotes da Igreja naquela época: a de afastamento dos fiéis. Para além de palavras, as suas ações eram testemunhos e impactavam os que iam ao seu socorro, tornando essa experiência em relatos de milagres que se perpetuaram no imaginário da população nordestina.

Tal veneração pública se fortaleceu quando iniciou a sua perseguição pela Igreja, dando-lhe uma imagem de santo sofredor e reforçando a devoção local em Nossa Senhora das Dores. Essa ligação e o trânsito entre o público e o privado, o padrinho e o político se reforçava depois de sua morte, criando mais um espaço religioso de devoção: a capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Esse espaço antropofágico e de múltiplas temporalidades representa o cenário e os personagens da religiosidade nordestina que se concentrou e se sintetizou na imagem de Padre Cícero, por exemplo, o Padre Ibiapina e o Antônio Conselheiro. Das homenagens privadas que se faziam em sua casa, seja pedindo a sua bênção ou lhe presenteando com algum objeto, depois da sua morte se ressignificam em uma veneração pública não oficial da Igreja - a criação dos ex-votos são sinais desse processo de veneração pública e sua transformação em um santo popular.

Dessa forma, a sua imagem, quando fora objeto de projetos artísticos, na construção de estátuas, seja por escultores profissionais ou pelos santeiros locais, ligavam o ser imortal, presente em suas lembranças e os elementos físicos que visivelmente se podiam identificar a pessoa. Essas imagens eram uma mescla entre o retrato memorial e a imagem

---

7 DIÁRIO DE PERNAMBUCO, domingo, 22 de novembro de 1964, p.06.

heróica, o santo e o sofredor, o real e a lenda.

Ao tratarmos a estátua feita de Padre Cícero em 1968 (inaugurada em 1969), consideramos, conforme Hauser (1993, p.27), que “toda forma de arte, além de seguir a tendência e o ritmo do desenvolvimento estilístico em geral, segue seu próprio curso, determinado por sua própria técnica, passado histórico e função social”. Dessa forma, a artisticidade e a historicidade dessa obra de arte nos possibilita ver a ação artística e a histórica. Portanto, “a iconologia de um retrato é a atitude, a roupa, o significado psicológico ou social que se atribui a figura; a iconologia de uma paisagem ou de uma natureza-morta é a maneira de apresentar, figurar, tornar significativos os lugares ou as coisas representados” (ARGAN, 2005, p.54-55).

Visualizando as possibilidades econômicas providas do fluxo de romeiros (as) na cidade, os poderes públicos juazeirenses planejaram melhoramentos e obras na serra do Horto. Destacamos a construção do monumento em homenagem ao Padre Cícero em 1969. As investidas para a edificação desta obra não foram bem vista por alguns juazeirenses, pois o intuito que a movia era, principalmente, favorecer a construção de elementos para um “turismo” na cidade: “a construção do monumento trará, a curto, a médio e longo prazo, benefícios incalculáveis para a vida econômica do município, haja vista que o fluxo de turismo foi iniciado antes mesmo do término da obra”<sup>8</sup>. Essa obra feita pelo município de Juazeiro visava construir uma imagem de progresso e instrumentos que o levasse rumo ao futuro.

A iminente busca de divulgar a imagem progressista da “cidade do Padre Cícero” se fazia presente dentro dos empreendimentos urbanos feitos entre 1950 e 1980. Nesse sentido, buscaram se apropriar do espaço da fé dos devotos em Padre Cícero, das visitas anuais dos romeiros (as) ao casarão do Horto e de outros lugares de devoção em Juazeiro. Essas obras estavam atreladas ao projeto de fomentar e alimentar a economia do município, fortalecendo, assim, o comércio e a divulgação da imagem da “cidade do Progresso”. Para isso, planejaram e edificaram a obra que se tornou o “cartão postal da cidade”: a Estátua do Padre Cícero. Ela foi construída no espaço sagrado do “Tambor”, e se destacou como símbolo da “prosperidade” econômica da cidade e da fé dos devotos depositada na imagem de seu fundador.

A intervenção no espaço do Horto foi, especialmente, demonstrada no corte do “Pé de Tambor” em 1963. O poeta e astrólogo Sebastião Batista, ao presenciar o evento no ano de 1963, qualificou essa ação de criminosa e estúpida. Para ele, a árvore que foi cortada, pelos poderes públicos, era “uma das maiores relíquias do sertão”<sup>9</sup> e como protesto criou um poema que refletia a relação dos romeiros e romeiras com essa árvore, ou seja, o “Romeiro que vem de fora/ Trazendo a alma contrita/ Quando faz uma visita/ No Horto, sem querer, chora/ Desgostoso vai embora/ Com um imenso amargor/ Chega aonde é morador/

8 JORNAL GAZETA DE NOTÍCIA, Ano XLIII, nº. 12.228, 1969, p. 02.

9 TRIBUNA DO CARIRI, 1970, p. 01

Avisa a todo romeiro/ No Horto do Juazeiro/ Cortaram o pé de tambor”<sup>10</sup>.

A Estátua de Padre Cícero no Horto é uma construção de “pedra e cal”, composta pelos seguintes dimensões: Pedestal 3 metros; Estátua 17 metros; Cabeça 2,7 metros; Olhos 0,55 metros; Nariz 0,7 metros; Boca 0,7 metros; Orelhas 0,8 metros; Ombros 5,4 metros; Bastão 10 metros; Chapéus 4,4 metros; Diâmetro 7 metros; Área do Pedestal 100 metros quadrados; Peso 357 toneladas; foram gastos 2 mil sacos de cimento; 34,5 toneladas de ferro e 30 toneladas de gesso. Tempo de construção: 18 meses <sup>11</sup>. Enfim, ela possui 25 metros de altura.

Para a realização da obra foi convidado o escultor e pernambucano Armando Lacerda. Ele construiu a estátua primando pelas “linhas das escolas modernistas” e procurando realizar os detalhes artísticos através de uma sensibilidade proveniente das “obras clássicas”. No decorrer de sua edificação, segundo o Jornal *Gazeta de Notícia* (1969), emanaram alguns “problemas de cálculos”<sup>12</sup>. Para auxiliar Lacerda na resolução dos problemas surgidos na edificação, foi convidado Rômulo Ayres Montenegro, engenheiro e especialista em cálculos de construção.

A prefeitura de Juazeiro em 12 de maio de 1968 já tinha gastado cerca de 50 mil cruzeiros novos na obra, reforçando que ela teria um impacto turístico e fomentaria mais um espaço de sociabilidade para os romeiros e romeiras que visitavam a cidade por causa de sua devoção a Padre Cícero. Para isso, pensou-se um espaço que contemplasse outros atrativos, como os que existiam no Cristo Redentor da Guanabara, como “jardins, praças, “playgrand”<sup>13</sup>. Nas páginas dos jornais publicaram matérias que em meio ao anúncio também colocava uma descrição técnica sobre a obra, destacando a sua importância para impulsionar o turismo em Juazeiro do Norte: “a cabeça do monumento tem dois metros e setenta, olhos de 56, nariz 70, boca 70, ombros 540. A área atingida pelo pedestal é de 100 metros quadrados”<sup>14</sup>.

A construção da estátua do Padre Cícero foi representada como um monumento que marcou a paisagem da serra do Horto de Juazeiro e do Cariri cearense. Além de sua construção, se trouxe para iluminar o monumento lâmpadas não brasileiras, ou seja, a prefeitura municipal mandou importar da Holanda as lâmpadas “halógenas”. Dessa forma, não apenas Juazeiro do Norte se destacava com a construção do monumento ao Padre Cícero, mas também, foi “a primeira cidade do Nordeste a possuir lâmpadas dessa espécie”<sup>15</sup>.

Segundo o jornalista Jota Alcides, os meios de comunicação estavam propagando informações equivocadas sobre o escultor da imagem de Padre Cícero, diziam que essa

---

10 **TRIBUNA DO CARIRI**, 1970, p. 01

11 **JORNAL GAZETA DE NOTÍCIA**, Ano XLIII, nº. 12.228, 1969, p. 02

12 *Idem*.

13 **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, domingo, 12 de maio de 1968, p.10.

14 Estátua de Pe. Cícero com 25 metros de altura. **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, sexta-feira, 24 de outubro de 1969, p.02.

15 **FOLHA DO JUAZEIRO**, Ano I, nº. 2, 1969, p. 01.

estátua era para cumprir uma promessa pessoal de Armando Lacerda. Na matéria publicada pelo Diário de Pernambuco, para ele, o referido escultor lamentava “que alguns jornais estivessem divulgando “coisas diferentes””<sup>16</sup>.

Entretanto, isso significava que não fora o escultor que propôs a obra, mas ele foi escolhido devido a sua qualificação e os seus estudos para construí-la pelo prefeito de Juazeiro do Norte, Mauro Sampaio. Armando Lacerda destacava em suas entrevistas que não realizou a obra movido somente pelos aspectos técnicos e pelas orientações do referido gestor municipal, mas associado a isso tinha também uma questão pessoal que transparecia na estética da obra, na fisionomia e no movimento corporal dado à estátua. Desta forma, posicionou-se: “Quando menino, passou muita fome. Seus pais foram residir em Juazeiro para pagar uma promessa ao Padre Cícero. Desde essa época Armando pensava em fazer um monumento em homenagem ao meu querido padre Cícero”<sup>17</sup>.

O devoto Lacerda se colocava como um dos vários nordestinos que realizavam peregrinações para Juazeiro, visitavam seus lugares de devoção e sagrados, pagavam suas promessas e depositavam seus ex-votos. Em tal estátua o referido escultor transmitiu a sua devoção, as memórias sobre Padre Cícero que recebera da sua tradição familiar e as lendas propagadas pela tradição oral dos romeiros e romeiras. Os aspectos de acolhimento e paternidade foram talhados no concreto como forma de reminiscência de uma época que era revivida através de alguns dos símbolos inventados por essa devoção popular. Para Lacerda (1969), “meu sonho era crescer e fazer uma estátua bem grande, grande mesmo, a fim de que todos pudessem fazer pedidos aquele Santo Padre”<sup>18</sup>. Isso só foi possível depois de vários anos, quando “pelas mãos já técnicas, habilitadas por escola superior, de um arquiteto conhecido pelos seus trabalhos até no exterior”<sup>19</sup>.

Esse modelo de estátua se tornou soberana na produção dos santinhos locais, que buscavam fazer réplicas de todos os tamanhos para o mercado turístico e religioso. Por exemplo, essa iniciativa da prefeitura municipal em Juazeiro gerou a partir da década de 1960 uma onda de homenagens ao Padre Cícero por meio da colocação de sua estátua nas praças públicas, pois ela era proibida nos templos católicos. Na cidade de Rio Largo, em Pernambuco, segundo o jornalista Júnior (1969), inaugurou-se pelo prefeito Válter Figuerêdo no domingo uma estátua de 1, 65 metros, que toda a sua estrutura chegava a ter 3 metros, em sua praça principal<sup>20</sup>.

Dois elementos em sua narrativa eram pontos de destaque: a quantidade de pessoas que participaram do evento, a saber, 15 mil pessoas e a informação de que a estátua foi

---

16 ALCIDES, Jota. A estátua de Padre Cícero custou cem milhões. **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, Sábado, 27 de setembro de 1969, p.10.

17 LACERDA, Armando *apud* Estátua de Pe. Cícero com 25 metros de altura. **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, sexta-feira, 24 de outubro de 1969, p.02.

18 LACERDA, Armando *apud* Estátua de Pe. Cícero com 25 metros de altura. **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, sexta-feira, 24 de outubro de 1969, p.02.

19 *Idem*.

20 JÚNIOR, Floriano Ivo. Rio Largo tem também estátua do Padre Cícero. **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, quarta-feira, 26 de novembro de 1969, p.10.

construída pelo arquiteto João Lisboa. O segundo elemento enfatizava uma imagem de progresso da cidade, já o primeiro clarificava a importância do nome de Padre Cícero ainda nos anos 1960 e o seu uso para angariar um sentimento de gratidão dos seus devotos (as) para aqueles que defenderam essa homenagem: os políticos locais. Essas 15 mil pessoas foram formadas, segundo Júnior (1969), pelos romeiros de Palmeira dos Índios, União dos Almeiras, São Luiz do Quituaide, Matriz de Camaragibe e Macéio, dentre outras localidades<sup>21</sup>.

Realizou-se também para responder a necessidade da região, construir um espaço sagrado e de culto ao Padre Cícero para aqueles que não podiam mais viajar para Juazeiro do Norte. Segundo Júnior, “antes da inauguração, às 21 horas, grande número de romeiros já se encontrava diante do monumento, rezando o “Beata Mocinha””<sup>22</sup>.

Para isso, o município firmou o dia 22 de novembro para receber os fiéis na praça e realizar o culto popular a Padre Cícero, por exemplo, no dia da inauguração as manifestações religiosas, a entoação dos benditos e das rezas, vindas da tradição e da experiência cotidiana do povo que elegeu o Padre Cícero um santo, duraram 3 horas. Pensava-se em organizar momentos parecidos para que os alagoanos pudessem prestar a sua homenagem ao referido sacerdote: “Rio Largo, agora, será como um Juazeiro alagoano”<sup>23</sup>.

Para o jornalista Jota Alcides, também nas cidades do Cariri cearense também se teve esse tipo de homenagens por algumas cidades a partir da notícia da construção da Estátua na serra do Horto de Juazeiro do Norte, por exemplo, pelo município de Caririçu<sup>24</sup>. Na época o seu prefeito era Raimundo Bezerra Lima que entrou em contato com Armando Lacerda e encomendou uma réplica da estátua que estava fazendo para o município de Juazeiro de 2,5 metros de altura. Isso foi uma maneira de atrair dois símbolos para o município: a estátua do Padre Cícero e o modelo estético do artista que fez a estátua-monumento de Padre Cícero do Horto. Essa obra artística foi colocada na praça do bairro Pernambuquinho em Caririçu, justificando a sua feitura pela municipalidade como uma forma de homenagear o sacerdote que fora também o primeiro vigário da Paróquia de São Pedro desse município.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estátua de Padre Cícero afixada na serra do Horto reforçou o processo de santificação popular do referido sacerdote, transformou o Horto em um *locus* do sagrado em Juazeiro do Norte, incorporou os elementos de antigas devoções que se praticavam

---

21 *Idem*.

22 *Ibidem*.

23 JÚNIOR, Floriano Ivo. Rio Largo tem também estátua do Padre Cícero. **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, quarta-feira, 26 de novembro de 1969, p.10.

24 ALCIDES, Jota. Padre Cícero terá estátua no bairro Pernambuquinho. **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, quinta-feira, 29 de agosto de 1968, p.10.

em frente a casa do Padre Cícero, por exemplo, o uso do pé de tambor como elemento para a cura de alguma enfermidade: a estátua foi fincada no lugar dessa árvore e tomou o seu lugar ressignificando as práticas de devoção. Esse espaço era livre da repressão da Igreja Católica, pois era um espaço público construído pela municipalidade, mas ao mesmo tempo já era um lugar sagrado para os que visitavam o casarão, reforçando assim a sua função e os seus vários usos pelos devotos e pelas devotas.

Por exemplo, as cartas que os romeiros mandavam para essa casa, mesmo depois da morte do sacerdote, endereçadas para ele, pedindo milagres e agradecendo curas nos faz compreender as apropriações e as invenções de uma cânone artístico ligado ao uso desse artefato (estátua) pelos romeiros e romeiras em suas práticas religiosas imersas em vários momentos temporais.

Isso deu durabilidade e foi um elemento de resistência dessa fé em Padre Cícero que venceu as dificuldades e os dilemas enfrentados desde sua morte em 1934 até os dias de hoje. Portanto, a mística do devoto e da devota contida na feitura dessa arte, por exemplo, de Armando Lacerda, é uma resistência à negação da santidade do referido sacerdote pela Igreja e a sua eleição como santo dos sertanejos do Nordeste brasileiro, de seu elemento simbólico e identitário.

## REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como História da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAXANDALL, Michael. **O olhar renascente**: pintura e experiência social na Itália da Renascença. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BELL, Julian. **Uma nova história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BEZERRA, Marcia. Patrimônio e educação patrimonial. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristiana (Org). **Dicionário temático de patrimônio**: debates contemporâneos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p.63-65.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário, Lisboa: Presença, 1996.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Multiculturalismo, diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2013, p.13-37.

GOMES, Assis Daniel. "O instante da existência": antropofagia dos espaços e simbólica das temporalidades. **Zumé**: Boletim Eletrônico do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História, Filosofia e Patrimônio (NATIMA), v. 2, p. 48-58, 2020.

HAUSER, Arnold. **Maneirismo**: a crise da renascença e o surgimento da arte moderna. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

SILVA, Amanda Teixeira da. "A fisionomia da pedra": um olhar sobre a escultura de Agostinho Balmes Odísio. **Revista Espacialidades** [online]. v. 8, n. 1, p.75-88, 2015.